

REVISTA REDAÇÃO

01/06/2014 - Ed. 22



Lucas Rocha

Como anda o
**SONHO
BRASILEIRO?**

Como anda o sonho brasileiro? (LUSCAS VASQUES)

Fatores como educação, distribuição de renda, segregação racial, origem familiar e até capital cultural são responsáveis pela mobilidade de classes sociais no país, que avançou, mas ainda precisa crescer mais, segundo especialistas



RECENTEMENTE, a Universidade de Harvard, uma das mais tradicionais dos Estados Unidos, desenvolveu uma pesquisa sobre o que está impedindo o povo norte-americano de realizar o chamado Sonho Americano, que pode ser definido como a igualdade de oportunidades, que permite que todos os moradores do país atinjam seus objetivos na vida somente com seu esforço e determinação, além, é claro, de representar a busca de status e de poder aquisitivo maior para aquisição de bens de consumo. O resultado apontou cinco fatores que, atualmente, impedem a ascensão social na terra do Tio Sam: estrutura familiar (crianças filhas de mães solteiras têm, significativamente, menos probabilidade de conseguir mobilidade social); segregação racial e econômica (características importantes das comunidades que não conseguem atingir essa mobilidade); qualidade da educação (nível baixo das escolas em suas comunidades); capital social (comunidades que possuem maiores índices de religiosidade, engajamento cívico e participação eleitoral estão mais propensas à ascensão social); disparidade social (está correlacionada aos baixos níveis de mobilidade social).

Diante desse quadro, é possível traçar um paralelo com a realidade atual do Brasil? Para o professor Carlos Antonio Costa Ribeiro, PhD em Sociologia e pesquisador do Instituto de Estudos Sociais e Políticos (IESP) da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), a pesquisa de Harvard foi feita em comunidades pobres e usando métodos estatísticos para determinar os fatores relacionados às chances de mobilidade ascendente dessas pessoas. "Entre essa camada da população, alguns conseguem escapar da pobreza e outros não. O trabalho mostrou que certos fatores são importantes, como por exemplo: a estrutura familiar, a segregação racial, a qualidade da educação e as redes de relações sociais dos indivíduos (capital social). Também sabemos que esses fatores são importantes no Brasil.

Dentre eles, o mais relevante é a educação. Sem ela, escolaridade e conhecimento adquirido em instituições de ensino, é praticamente impossível sair das classes mais baixas. É claro que há pessoas que conseguem subir na vida sem educação e escolaridade. Por exemplo, jogadores de futebol, artistas, músicos etc. Algumas vezes, conseguem uma significativa ascensão social sem ter escolaridade alta. Certos empreendedores também conseguem isso, por meio de negócios. Contudo, para a grande maioria da população, a forma mais eficiente de obter ascensão social é por intermédio do sistema educacional."

O mais relevante é a educação. Sem ela, escolaridade e conhecimento adquirido em instituições de ensino, é praticamente impossível sair das classes mais baixas. É claro que há pessoas que conseguem subir na vida sem educação e escolaridade

As ocupações e posições mais bem remuneradas (em média) no mercado de trabalho, afirma o professor, são aquelas que exigem algum tipo de educação formal. "Por exemplo, é impossível ser engenheiro, médico ou torneiro mecânico sem passar por algum tipo de escola (de ensino médio ou superior). Portanto, para ter mobilidade ascendente, a educação é fundamental. Além desse aspecto, existem diversos fatores sociais que dificultam ou contribuem para a mobilidade social.

Sabemos, por exemplo, que as condições econômicas, sociais e culturais das famílias onde as pessoas crescem são fundamentais. Essas condições influenciam, de diversas formas e desde a infância, as chances de mobilidade social dos indivíduos. Famílias bem estruturadas, em que pai e mãe se dedicam aos filhos, ajudam na mobilidade social, por exemplo. O nível educacional dos pais (às vezes, usado como uma medida indireta do que os sociólogos costumam chamar de capital cultural) é fundamental para que as pessoas consigam ascender socialmente.

Famílias bem estruturadas, em que pai e mãe se dedicam aos filhos, ajudam na mobilidade social, por exemplo. O nível educacional dos pais (às vezes, usado como uma medida indireta do que os sociólogos costumam chamar de capital cultural) é fundamental para que as pessoas consigam ascender socialmente

Ribeiro cita outro exemplo: "Às vezes, observamos pessoas que vêm de famílias com pouco capital econômico, mas muito capital cultural (os pais têm alguma educação formal), terem mais chances de subir na vida do que aqueles que vêm de famílias em que os pais não estudaram. Esses fatores são muito importantes, embora seja muito comum a acumulação de características ou capitais nas mesmas famílias. Quando pais ou mães têm mais escolaridade também tendem a ter mais renda ou alguma riqueza. Embora renda e educação, por exemplo, sejam coisas distintas, elas estão altamente correlacionadas. Alguns cientistas sociais e economistas opõem esses fatores, mas na verdade elas são complementares".

Portanto, continua o sociólogo, características das famílias onde as pessoas crescem e da escolaridade formal que recebem são os principais fatores determinantes para as chances de mobilidade dos indivíduos. "É preciso melhorar o sistema educacional, mas também as condições das famílias. As duas coisas são importantes. Por um lado, é fundamental diminuir a desigualdade social (que pode ser medida pelas diferenças de renda, ocupação e educação dos pais dos indivíduos) que caracteriza as famílias em que as pessoas crescem. Por outro, é importantíssimo investir na qualidade da educação adquirida nas escolas, ou seja, é necessário diminuir a desigualdade que existe na qualidade da educação oferecida para as crianças e jovens. Sabemos que crianças que frequentam boas escolas têm chances muito maiores de mobilidade social do que aquelas que vão a escolas ruins."



Pesquisa recente, elaborada pela Universidade de Harvard, indica fatores que impedem a população dos EUA de realizar o *Sonho Americano*



Costa Ribeiro: "A pesquisa de Harvard foi feita em comunidades pobres e usando métodos estatísticos para determinar os fatores relacionados às chances de mobilidade ascendente"

Mas, afinal de contas, a definição de que um cidadão pertence a determinada classe social está vinculada ao acesso a qualquer tipo de bem ou recurso ou há outros aspectos que determinam o fato? Segundo o professor, há um grande debate sobre a questão das classes sociais no Brasil. As posições são, por vezes, colocadas em planos antagônicos. "Entretanto, em minha opinião, não há, realmente, uma oposição. Por exemplo, alguns economistas e o próprio governo usam a renda familiar per capita e/ou do trabalho para definir as classes sociais, ou econômicas, como costumam dizer. Essas abordagens mostram que houve uma grande expansão do que chamam de 'nova classe média' no Brasil. Em contraste, alguns sociólogos afirmam que o mais importante são as características culturais, e até afetivas, dos indivíduos mais pobres e dos mais ricos. Enquanto os pobres não têm o capital cultural necessário para ser aceitos nas camadas mais altas, os ricos já trazem esse capital de suas famílias de origem. Em nosso país, alguns sociólogos e economistas opõem, de forma muito forte, a visão sociológica da visão econômica sobre o que seriam as classes sociais. Esses autores opõem renda, ocupação (ou posição no mercado de trabalho) e cultura como sendo a principal forma de diferenciar as classes sociais. Também contrastam métodos quantitativos de análise a abordagens mais simbólicas e de interpretação dos significados, para analisar as situações de classe no Brasil", avalia Ribeiro.



Pastore: "No passado, o grosso da mobilidade era entre pessoas de origem rural, que vinham para as cidades. Hoje, a maior parte se dá na própria cidade"

"Minha opinião é completamente distinta. Não vejo oposição entre esses fatores. Ou seja, a posição de classe das pessoas e famílias envolve tudo: renda, riqueza, cultura, educação e ocupação. A estratificação social de qualquer sociedade é multidimensional. As famílias são diferentes e desiguais não só em um único aspecto, mas, sim, em vários. Muitas vezes, esses aspectos estão altamente correlacionados, do ponto de vista estatístico, o que faz com que estudos sobre a desigualdade de renda, por exemplo, sejam uma maneira aceitável (porém, não perfeita) de descrever posições de classe na sociedade", opina o professor da UERJ.



A segregação racial ainda é um dos pontos mais determinantes para a dificuldade de mobilidade de classes sociais

Para ele, é importante lembrar que no Brasil há uma forte concentração de riqueza, educação e renda no topo da hierarquia social. Ou seja, o que se costuma entender por classe média alta é muito diferente do que vem sendo chamado de "nova classe média". "De certa forma, esta última está mais perto dos pobres do que da classe média alta. A desigualdade no Brasil é caracterizada por forte concentração no topo, e menos desigualdade entre o meio e a base da pirâmide social."

Alguns economistas e o próprio governo usam a renda familiar per capita e/ou do trabalho para definir as classes sociais. Essas abordagens mostram que houve uma grande expansão do que chamam de "nova classe média" no Brasil. em contraste, alguns sociólogos afirmam que o mais importante são as características culturais, e até afetivas, dos indivíduos mais pobres e dos mais ricos



Há pessoas que conseguem subir na vida sem educação e escolaridade, como, por exemplo, jogadores de futebol, artistas e músicos

Apesar das divergências em relação à definição de classes sociais, há, segundo Ribeiro, alguns aspectos que se podem medir melhor do que outros e, por isso, existem condições de se fazer estudos mais representativos, usando essas características, às quais se podem mensurar. "É muito difícil medir motivações e emoções das pessoas. Certamente, essas coisas são importantes para a mobilidade social. Alguns estudos mostram que os cuidados que crianças menores de cinco anos recebem são fundamentais para a mobilidade social. Por exemplo, crianças que tiveram mães atenciosas e cuidadosas, nos primeiros anos da infância, tendem a ter mais chances de mobilidade social ascendente (mesmo partindo de famílias pobres) do que crianças que não tiveram esse tipo de estímulo em sua primeira infância. Acho que essas pesquisas estão mostrando que aspectos afetivos e emocionais são fundamentais para a mobilidade social. Esses estudos foram feitos, principalmente, por economistas e psicólogos. E, muitos deles, são bem sofisticados, do ponto de vista estatístico. Os sociólogos deveriam prestar mais atenção a esse tipo de pesquisa, ao invés de, puramente, desqualificar estudos quantitativos, dizendo que são pseudocientíficos", critica.

E ele não para por aí: "Os economistas, por sua vez, também poderiam prestar mais atenção em pesquisas qualitativas e estudos de casos, feitos por alguns sociólogos e antropólogos. Entrevistar as pessoas é muito importante para saber como se sentem em relação às suas condições de classe e chances de mobilidade. Embora essas entrevistas não possam, em geral, ser generalizadas, porque não vêm de amostras representativas da população, elas podem ser muito importante para ilustrar alguns pontos relevantes e levantar hipóteses de análise. O problema é que alguns sociólogos tendem a desqualificar pesquisas quantitativas, e os economistas não consideram as qualitativas como relevantes. Acho importante combinar as perspectivas de forma aberta, ao invés de colocá-las como ontologicamente distintas. Essas visões acirradas não ajudam a entender as situações de classe e a desigualdade na sociedade brasileira".

Em suma, afirma o professor, os estudos sobre desigualdade de renda são muito importantes e ajudam a entender a estratificação social na sociedade brasileira. "Entretanto, também podem ser complementados por estudos mais qualitativos sobre emoções e afetividade das pessoas, nas diferentes situações de classe. Essas perspectivas podem ser complementares. Classes sociais podem ser definidas por uma combinação de renda, riqueza, capital cultural e diversas outras características."

É importante lembrar que, no Brasil, há uma forte concentração de riqueza, educação e renda no topo da hierarquia social. Ou seja, o que se costuma entender por classe média alta é muito diferente do que vem sendo chamado de "nova classe média". De certa forma, esta última está mais perto dos pobres do que da classe média alta "Nova classe média"?

Informações oficiais dão conta de que 30 milhões de brasileiros alcançaram a ascensão social nos últimos anos. No entanto, segundo alguns especialistas, o fato não teria produzido uma "nova classe média", mas, sim, uma classe social diferente, pelo fato de que a classe média estabelecida é a dominante, pois se forma pela apropriação de capital cultural. "Houve aumento da renda média e diminuição da desigualdade no Brasil. Isso é inegável e é positivo. O que vem sendo chamado de 'nova classe média' é esse grupo, que melhorou sua renda nos últimos 10 ou 15 anos, o que também é muito positivo. No entanto, chamar esse grupo, que ascendeu em termos de renda, de 'nova classe média' é certo exagero. Ou melhor, é uma liberdade linguística. Essa parcela avançou, mas continua tendo nível educacional muito baixo, por exemplo. Sem educação de qualidade, a maioria jamais chegará ao que costumamos, popularmente, chamar de 'classe média alta'. O segmento mais próximo de uma espécie de elite é constituído por profissionais e administradores que possuem (a maioria, pelo menos) educação de nível superior."

Segundo o sociólogo, educação de nível superior não é sinônimo de "capital cultural", mas é uma forma de adquiri-lo. "Não há dúvida de que esse capital cultural é fundamental, mas acho que é possível atingi-lo mesmo vindo de uma origem de classe muito baixa. Temos alguns exemplos de pessoas que conseguiram isso, embora a grande maioria dos pobres não alcance posições mais altas na estrutura de classes da sociedade brasileira. Há uma forte correlação entre classe de origem (da família) e classe de destino (posição que os indivíduos alcançam). A boa notícia, contudo, é que a força desse processo não é mais a mesma no Brasil. Minhas pesquisas indicam que essa correlação está diminuindo, desde a década de 1970 até hoje. As coisas estão melhorando, embora o Brasil ainda seja um dos países mais rígidos do mundo em termos dessa correlação entre classes de origem e de destino (seja medindo por renda dos pais e dos filhos ou por ocupação ou por educação)."



É muito difícil medir motivações e emoções das pessoas.

Certamente, essas coisas são importantes para a mobilidade social. Alguns estudos mostram que os cuidados que crianças menores de cinco anos recebem são fundamentais para a mobilidade social

Em relação à ascensão social significativa de um bom número de brasileiros nos últimos anos, Ribeiro reconhece, mas se diz contrário às visões triunfalistas. Para ele, a desigualdade social e de classes no nosso país continua sendo enorme. "Não há por que acharmos que estamos vivendo uma situação maravilhosa, embora, também, devemos admitir que as coisas estão melhorando bastante em termos sociais. Mesmo assim, o Brasil é um

dos países de renda média com o maior percentual de mão de obra sem qualificações mínimas. Apesar de nosso sistema educacional ter se expandido muito, nas últimas décadas, ainda deixa a desejar.

Também houve a criação de inúmeras posições de empregos melhores (com carteira assinada). Entretanto, ainda há a presença marcante de um enorme setor informal, além de empregos que não exigem qualificações. Há muito o que melhorar e, por isso, não há motivo para triunfalismo. Contudo, acho que não podemos negar que houve alguma melhora. Em suma, prefiro uma posição mais moderada. Nem triunfalismo, nem pessimismo. É melhor ser realista e observar o avanço que ocorreu e o que ainda deve avançar. Melhorar a educação e diminuir a desigualdade de renda são os pontos fundamentais", completa.

Meritocracia

Na opinião de Rafael Guerreiro Osório, do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), o trabalho desenvolvido pela Universidade de Harvard não mostra nada de novo. Para ele, todos os fatores indicados na conclusão são determinantes clássicos para manter as pessoas na camada social inferior. No entanto, esse tipo de pesquisa é importante e deve ser feita regularmente, porque o quadro poderia ter mudado. Nos Estados Unidos, segundo Osório, é ainda mais importante ter esse controle, em função da necessidade de se concretizar o chamado Sonho Americano, que é muito forte na cultura norte-americana.

"O tema é um dos clássicos da Sociologia e traz um debate muito interessante. Ainda hoje, com a justificativa da evolução da democracia liberal e da economia capitalista, ao longo dos anos, a tese que predomina é a da meritocracia. Essa teoria justifica certa desigualdade social, pois só quem tem méritos e se esforça o suficiente consegue ascender socialmente. O que acaba sendo uma ilusão. Um exemplo é que um cidadão pode ser um gênio, mas se for negro e tiver nascido no interior do sul dos Estados Unidos jamais vai ter oportunidades de ascensão. No entanto, ainda se acredita muito nisso. A desigualdade racial é um dos grandes problemas que impedem o desenvolvimento e a meritocracia", analisa Osório.

No Brasil, afirma o especialista, também se pensa que há meritocracia. "A prova disso é que, frequentemente, alguma revista semanal estampa, em sua capa, alguém que tenha vindo de baixo e, em função do próprio esforço, conseguiu atingir uma posição profissional de destaque na sociedade. A verdade é que são exceções. Esses casos chamam muito a atenção justamente porque fogem à regra. No início dos anos 2000, a doutora em Sociologia Celi Scalon, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), desenvolveu uma pesquisa internacional sobre tolerância à desigualdade. O Brasil apareceu como um dos países mais tolerantes em relação a esse problema."



Crianças que tiveram mães atenciosas e cuidadosas, nos primeiros anos da infância, tendem a ter mais chances de mobilidade social ascendente

Osório explica que a mobilidade social pode ser estrutural, a que mede o deslocamento na distribuição das ocupações, em função da industrialização e de uma sociedade mais urbana; e a de circulação, que é a que nos interessa mais, pois inclui o movimento ascendente e descendente, devido a outras mudanças na estrutura ocupacional. "É também chamada de troca, porque, conceitualmente, os que sobem são substituídos pelos que descem. Nesse caso, há um trânsito grande. Mas nem sempre isso ocorre, porque um sujeito que pertence à elite e não tem ou não desenvolve habilidades profissionais não necessariamente cai, e o de baixo, que se esforça, pode não conseguir subir. O problema central é que todos devem ter as mesmas oportunidades."

Os estudos sobre desigualdade de renda são muito importantes e ajudam a entender a estratificação social na sociedade brasileira. Entretanto, também podem ser complementados por estudos mais qualitativos sobre emoções e afetividade das pessoas, nas diferentes situações de classe. Essas perspectivas podem ser complementares

No Brasil, segundo Osório, inegavelmente, houve um aumento considerável na renda média, diminuição da desigualdade e melhora na distribuição de renda, o que proporciona aumento do padrão. "O exemplo principal é o que ocorreu com as empregadas domésticas, que tiveram uma brutal melhoria na qualidade de vida, com mais renda e conquista de direitos trabalhistas. Mas, em contrapartida, seu lugar na sociedade continua o mesmo. Ninguém que faz parte da elite, na hora de decidir sobre sua futura atividade profissional, escolhe ser empregada doméstica. Na verdade, apesar de não termos muitos estudos recentes, no meu entender há indícios fortes de que a situação está melhorando. Um dos fatores determinantes é o maior acesso ao ensino superior. Precisamos avançar muito, mas houve uma expansão grande, com a redução da desigualdade de oportunidades de acesso. Há mais vagas, o que acarreta mais gente incluída. Existe, ainda, a questão das cotas e os financiamentos estudantis para instituições particulares de ensino. Sem dúvida, isso elimina uma grande barreira", finaliza.

Para cima

No livro *Mobilidade social no Brasil*, publicado em 2000, junto com Nelson do Valle Silva, o professor José Pastore, PhD em Sociologia e mestre em Ciências Sociais, observa que a mobilidade social no país era intensa, maior do que em países como Inglaterra, Suíça, Áustria, Alemanha e Itália, com predominância de uma mobilidade para cima. "Penso que o panorama continua hoje em dia, mas em sentido diferente. No passado, o grosso da mobilidade era entre pessoas de origem rural, que vinham para as cidades. Hoje, a maior parte se dá na própria cidade. Mas, em outro sentido, há semelhança. Nos dois casos, o grosso da mobilidade é de curta distância. São pessoas das classes baixas que sobem para a média inferior. A desigualdade diminuiu um pouco, graças à melhoria da educação e do salário mínimo. Contudo, o Brasil ainda é um país bastante desigual."



As empregadas domésticas tiveram melhoria na qualidade de vida, com mais renda e conquista de direitos trabalhistas. Mas seu lugar na sociedade continua o mesmo

LUCAS VASQUES é jornalista e escreve para esta publicação. **Revista SOCIOLOGIA, Maio de 2014.**

Nasce um novo político (IZABELLE TORRES)

O presidente do STF, Joaquim Barbosa, anuncia aposentadoria em junho e diz que se dedicará apenas a proferir palestras e cuidar da saúde. Mas é inegável que o capital político acumulado por ele nos últimos anos o credencia para voos mais altos

COMO todo bom político, o presidente do Supremo Tribunal Federal, Joaquim Barbosa, fez o possível para criar uma cena de impacto. Na quinta-feira 29, quebrou um suspense – longamente preparado – ao anunciar sua saída da mais alta corte de Justiça do país, onze anos antes do prazo legal de permanência na instituição. Joaquim foi mais ou menos bem sucedido. Ao confirmar a decisão à presidenta Dilma Rousseff, logo pela manhã, Barbosa encontrou uma interlocutora que já fora informada da novidade na segunda-feira 26. Neste mesmo dia, ela transmitiu a informação para os ministros mais próximos, exigindo sigilo absoluto. Depois de uma conversa rápida e amena com a presidenta, na qual anunciou sua maior prioridade nas próximas semanas – “assistir aos jogos da Copa do Mundo” – Joaquim tomou o rumo para o Congresso, onde encontrou interlocutores desprevenidos.



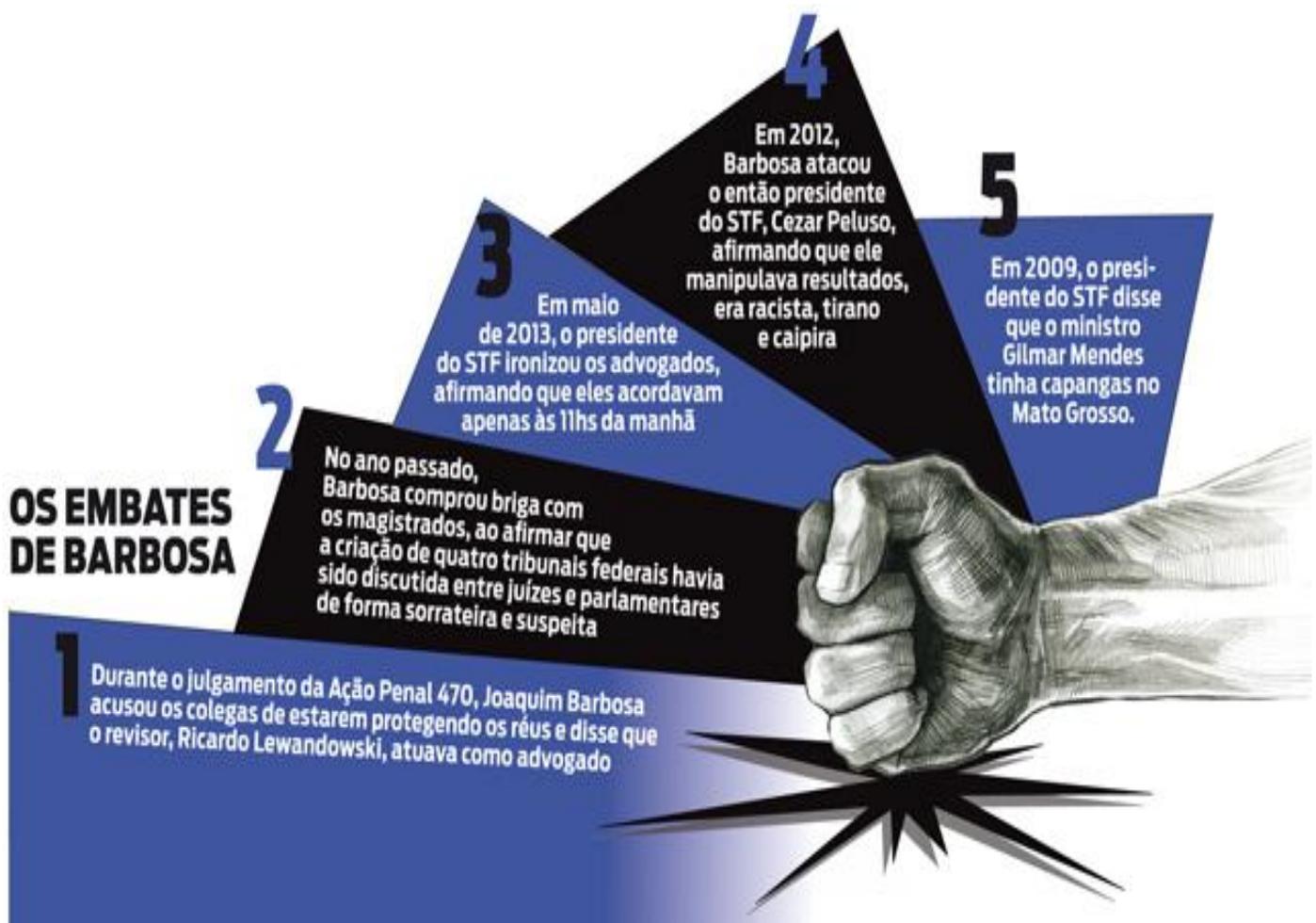
TENTAÇÃO DAS URNAS - Sem os limites impostos pela toga, Joaquim Barbosa pode desempenhar papel relevante na vida política nacional

O ainda presidente do STF entrou no gabinete de Renan Calheiros (PMDB-AL), presidente do Senado, com ar descontraído. Renan temia uma discussão árida sobre temas espinhosos, como a recente decisão do Tribunal Superior Eleitoral de modificar a distribuição de cadeiras de deputado federal, medida que o Congresso define como um acinte às suas prerrogativas constitucionais. Mas Joaquim logo avisou que a pauta era outra. Diante de um Renan que custava a vencer a própria incredulidade, disse que estava cansado, que trataria melhor da saúde sem se preocupar com compromissos do tribunal e agradeceu a boa convivência entre os Poderes.

Perguntado sobre seu futuro, Joaquim reagiu como fazem os políticos. Negou, é claro, que tivesse projetos com atividade partidária. Foi ainda mais explícito na conversa seguinte, quando se encontrou com Henrique Eduardo Alves, presidente da Câmara de Deputados.

Sem possibilidade legais de entrar no pleito de 2014, negou ter planos de disputar qualquer eleição em pleitos futuros – o calendário marca 2016, uma eleição municipal, e 2018, quando até a presidência da República estará em jogo nas urnas. Explicou também que pretende aproveitar as horas de folga para cuidar da saúde, voltando a mencionar as célebres dores lombares que tantas polêmicas provocaram nos meses anteriores ao julgamento da AP 470. Também disse que pretende reforçar o orçamento doméstico fazendo conferências e consultorias jurídicas pelo País. Quando falou nas palestras, Joaquim chegou a mencionar que hoje elas fazem parte da agenda do ex-presidente Lula.

O meio político, no entanto, aguarda os próximos passos de Barbosa com ansiedade. Afinal, ninguém duvida do capital político acumulado pelo presidente do STF nos últimos anos, sobretudo a partir do desempenho demonstrado durante o julgamento do mensalão. Sua popularidade é atestada pelas recentes pesquisas de opinião, nas quais atinge facilmente os dois dígitos em intenções de voto. Nas conversas ao longo da semana, Barbosa nada anunciou que um político sem partido, e sem condições de entrar na corrida por cargos eletivos em 2014, não pudesse fazer. Nada que possa impedir sua aparição repentina durante a campanha presidencial. Na atual conjuntura política, é certo que Barbosa seria um eleitor e tanto para qualquer candidato. Apesar de o presidente do STF, nos últimos tempos, ter tratado a presidenta com a deferência exigida pelo cargo, Planalto age como gato esquálido. Não por acaso, entre aliados do governo Dilma, Barbosa é chamado como “Ronaldo Fenômeno 2”. Eles se referem ao craque-empresário que, em apenas uma semana, abandonou a postura neutra de membro do Comitê Organizador Local, declarou que sentia vergonha dos preparativos da Copa e depois anunciou que iria votar no candidato tucano Aécio Neves. Fora do Supremo, nada impedirá Joaquim Barbosa, então um cidadão comum com os mesmos direitos que os 200 milhões de brasileiros, de subir no palanque e dizer em quem vai votar.



A grande questão é que, independentemente do que diga o presidente do STF, sua entrada na política é considerada o caminho natural, mesmo que ele não seja efetivamente um candidato. O afastamento do STF previsto para o fim de junho, quando se inicia o recesso do Judiciário, deixará Barbosa livre para declarar suas posições políticas sem o peso da responsabilidade imposto pela toga de ministro. Poderá ser, sem dúvidas, um contraponto importante no xadrez eleitoral e alvo de cobiça dos partidos, especialmente os de oposição. O PSB de Eduardo Campos e o PSDB de Aécio Neves já sonham com sua adesão.

O comportamento progressivo de Joaquim Barbosa reforça as impressões em Brasília de que ele poderá exercer um papel muito mais relevante na vida política nacional e fazer muito mais do que apenas "proferir palestras, prestar consultorias, descansar, assistir à Copa e cuidar da saúde". Não é de agora que o magistrado demonstra especial cuidado e apreço pela sua imagem pública. Na presidência do Supremo, montou uma equipe para acompanhar a repercussão de suas posições em plenário, confirmando aquilo que era possível perceber por intuição: a disposição para criticar colegas e outras categorias do Judiciário fizeram do ministro referência no ataque a privilégios, como o de advogados que atuam em tribunais superiores como juízes, e os filhos de ministros de Cortes que atuam como advogados.

Celebrizado pelo mensalão e pelo empenho em levar para a cadeia figuras influentes do PT e de legendas aliadas, Joaquim Barbosa também levou ao plenário outros casos que discutiam a prisão de políticos. Relator do caso do falecido ex-governador Ronaldo Cunha Lima, acusado de assassinar um rival político, que conseguiu levar o caso para tribunais inferiores ao renunciar a um mandato eleitoral de deputado, Barbosa tornou-se adversário duro da tentativa de parlamentares de usar toda sorte de recursos para escapar do julgamento em foro privilegiado, como aconteceu com Cunha Lima.

Enquanto no meio político a aposentadoria de Joaquim Barbosa alimenta especulações e provoca um misto de expectativa e apreensão sobre o papel que o magistrado desempenhará depois de junho, quando deixar oficialmente o STF, no âmbito jurídico a sensação é outra. Em pouco mais de uma década no Supremo, Joaquim colecionou desafetos entre magistrados, advogados e os próprios colegas. Daí, sua aposentadoria ter sido recebida com certo alívio por muitas carreiras. "A magistratura não sentirá saudades", disse o presidente da Associação dos Juizes Federais do Brasil (Ajufe), Nino Toldo. "Ele vai deixar como marca, a arrogância e o destempero", comentou o advogado Carlos Alberto de Almeida, o Kakay.

O QUE MUDA NO STF

Basta recordar que Joaquim Barbosa deve ser substituído por Ricardo Lewandowski na presidência do Supremo para se ter uma ideia das mudanças que devem ocorrer na mais alta corte de Justiça do País nas próximas semanas. Embora tenha concordado com Barbosa na condenação da maioria dos réus da AP 470, Lewandowski divergiu no caso politicamente mais importante, de José Dirceu, e também criticou a severidade das penas, que classificou como altas demais. Também liderou os embargos infringentes que permitiram ao STF absolver os réus pelo crime de formação de quadrilha. Lewandowski pretende retirar o mensalão da agenda do STF, deixando a etapa final do julgamento, que envolve basicamente o cumprimento de penas já definidas, para os juizes encarregados da execução penal. O novo presidente, que terá de ser confirmado no posto por seus pares e depois empossado, o que deve ocorrer em agosto, quer priorizar os casos de repercussão geral, que atingem diretamente um maior número de cidadãos, como impostos e planos de saúde, por exemplo.



O SUCESSOR
Primeira medida
de Ricardo
Lewandowski
no STF deve ser
garantir a saída
para trabalhar
dos condenados
do mensalão
ao regime
semiaberto

No STF, ministros mais críticos dizem que ao longo dos anos ele trocou a preocupação com o cumprimento das leis pela corte à opinião das ruas. Durante o julgamento do mensalão, Barbosa acusou o revisor da ação penal 470, Ricardo Lewandowski, de atuar em defesa dos réus e trabalhar pela impunidade. Anos antes, Barbosa acusara o ministro Gilmar Mendes de ter capangas, e o então presidente da Corte Cezar Peluso de manipular processos, de ser preconceituoso e caipira. Entre um bate-boca e outro, Barbosa atacou políticos e fez um esforço considerável para que eles sentissem os rigores da lei. Suas declarações ganharam a mídia e as redes sociais. Na maioria dos casos, as respostas da população foram altamente positivas para sua imagem pública. Ou seja, tudo o que um político mais anseia.

IZABELLE TORRES é Jornalista e escreve para esta publicação. Foto: Adriano Machado, RENATO ARAUJO/ABR. **Revista ISTO É, Maio de 2014.**

Essa tal felicidade (LUCAS VASQUES)

Todos almejam ser felizes. Porém, a psicóloga Mônica Portella discorda dessa procura quando o objetivo é suprir as carências emocionais. A especialista em Psicologia Positiva observa que a felicidade é uma questão individual



A PSICOLOGIA Positiva é uma vertente, relativamente recente, que procura trazer à tona as potencialidades humanas, seus talentos e habilidades, em contrapartida à Psicologia tradicional, que, apesar de igualmente fundamental para o equilíbrio, aborda os transtornos, as patologias, enfim, os aspectos negativos que envolvem nossas mentes. A busca pela felicidade é tema de estudos e abordagens desde os tempos da Grécia Antiga e a Psicologia tradicional, com frequência, é alvo de críticas, nem sempre justas, por seu direcionamento, quase total, às questões da doença, ao invés da sanidade mental. Pensando nisso, o psicólogo norte-americano Martin Seligman criou a Psicologia Positiva, em 1998. Um dos principais expoentes desse ramo da atividade psicológica no Brasil é Mônica Portella, sócia e diretora científica e de cursos de extensão do Centro de Psicologia Aplicada e Formação (CPAF), localizado no Rio de Janeiro. Mônica ressalta que um dos grandes desafios da Psicologia Positiva é descobrir como lidar com o estresse. "Procuramos criar mecanismos e instrumentos para que a pessoa saiba administrar o estresse. Segundo pesquisas australianas, o tripé básico para se chegar à qualidade de vida é manter uma atividade física, boa alimentação e um sono satisfatório. O estresse é um problema sério, pois ativa a vulnerabilidade física e mental. Por isso, buscamos conhecer e utilizar as habilidades pessoais, desenvolver as forças de caráter da pessoa. Trabalhamos com alguns aspectos principais, como talentos, emoções positivas, engajamento, significado e relações significativas. Tudo isso ajuda a administrar o estresse", explica. A

psicóloga enfatiza que as pessoas não devem depositar todas as fichas no relacionamento afetivo, pois é fundamental ter claro que os parceiros não são responsáveis pelas carências emocionais do outro. E faz um alerta: "Tem gente que foge da própria responsabilidade por achar que a sua felicidade pode ser encontrada no outro".

Mônica também é pós-doutora em Psicologia e em Psicologia Social, mestre em Psicologia Cognitiva. É consultora e autora de artigos na área de comunicação não verbal e controle do estresse. O CPAF é uma instituição que congrega um grupo de psicólogos, que desenvolve, há quatro anos, uma série de trabalhos dentro do paradigma cognitivo-comportamental, nas seguintes modalidades: atendimento individual para adultos, crianças e adolescentes; atendimento em grupo a portadores de transtorno da ansiedade social, timidez, transtorno do pânico, transtorno da ansiedade generalizada, dentre outros. Oferece ainda, cursos de capacitação profissional para psicólogos e estudantes de Psicologia; e desenvolve cursos e treinamentos destinados a empresas e ao público em geral. Ela também se destaca ministrando palestras, cursos e é autora de livros, como *A Ciência do Bem Viver e Teoria da Potencialização da Qualidade de Vida*, ambos abordando propostas e técnicas da Psicologia Positiva.

Um fator bem interessante é que, a partir de 2008, alguns profissionais passaram a usar as técnicas da Psicologia Positiva para o tratamento de alguns transtornos mentais, como depressão. E os resultados foram ótimos, pois melhoraram muito a vida dos pacientes

Em linhas gerais, o que é a Psicologia Positiva e qual a sua diferença em relação a teorias de autoajuda, muito comuns hoje em dia, e que apresentam resultados pouco eficazes?

Mônica Portella - Primeiro, é fundamental deixar claro que a Psicologia Positiva não tem absolutamente nada a ver com autoajuda. Essa técnica é científica e trabalha, por origem, com o ser humano saudável. Aqui, podemos observar uma quebra de paradigma, pois ela busca desenvolver as potencialidades, enquanto a Psicologia Clínica, que é a mais tradicional, a Psicanálise e outras formas terapêuticas lidam com a pessoa doente, procuram tratar dos seus males, uma vez já instalados. Em 1998, o psicólogo norte-americano Martin Seligman criou a Psicologia Positiva, quando assumiu a presidência da Associação Americana de Psicologia. Ele levou este projeto à frente como a principal bandeira de sua gestão. Resolveu apostar nessa linha, que quer cuidar do ser humano saudável, como eu disse, mostrando que a vida vale a pena ser vivida e que as pessoas devem aproveitar seus talentos, pontos fortes, enfim, o que têm de melhor.



Para quem é recomendada a Psicologia Positiva? Como é sua aplicação, ela existe como forma terapêutica para pacientes com algum problema psíquico ou emocional ou é utilizada, somente, como forma de prevenção a esses problemas?

Mônica - A Psicologia Positiva é recomendada para todas as pessoas que sentem necessidade de conhecer e desenvolver suas habilidades. Vou tentar ilustrar: imagine uma linha reta, que tem o zero no centro. À esquerda, temos -1, -2, -3 e assim por diante. À direita, temos 1, 2, 3 etc. A maioria das pessoas está no zero, ou seja, com ausência de doença. Mas isso não significa qualidade de vida. Quem está passando por uma depressão, por exemplo, pode sair dela (voltar ao zero), utilizando métodos terapêuticos convencionais, mas sua vida pode ser totalmente sem graça. O que a Psicologia Positiva faz é tentar fazer com que esta pessoa vá do zero para 1, 2, 3 em diante, passando pelos estágios da potencialização primária e secundária. Um fator bem interessante é que, a partir de 2008, alguns profissionais passaram a usar as técnicas da Psicologia Positiva para o tratamento de alguns transtornos mentais, como depressão. E os resultados

foram ótimos, pois melhoraram muito a vida dos pacientes. Alguns estudos realizados nos Estados Unidos, na Inglaterra e na Austrália provam que o uso de antidepressivos faz o paciente melhorar em 12 semanas. As técnicas da Psicologia Positiva usam menos tempo e o que é melhor, sem os efeitos colaterais principais desse tipo de medicamento, que são a diminuição do apetite sexual e o aumento de peso. Mas isso, evidentemente, não interessa aos laboratórios farmacêuticos, que vivem da produção e comercialização de medicamentos.

Quais as diferenças entre a Terapia Cognitivo-Comportamental e a Terapia Cognitivo-Comportamental Positiva?

Mônica - A Terapia Cognitivo-Comportamental tradicional faz avaliações dos doentes e não dos aspectos saudáveis. Nós procuramos agregar a essa técnica possibilidades de aumentar as emoções positivas, buscando a potencialização dos pontos fortes do ser humano.

Não acho impossível manter a chama acesa do relacionamento. No entanto, é imprescindível que o casal separe alguns momentos para os dois aproveitarem, para interagir e se manter sempre em contato direto. A expressão-chave para isso é variedade na relação. O cérebro do ser humano pede variedade Um dos grandes males da vida moderna é o estresse. Os médicos preconizam várias receitas, as quais todos sabemos. Mas, na verdade, a dificuldade é colocar em prática. Como é possível controlar o estresse, diante de uma realidade de vida que não pode ser alterada, em função de necessidades?

Mônica - Este é o grande desafio. Nós procuramos oferecer qualidade de vida, criar mecanismos e instrumentos para que a pessoa saiba administrar o estresse. Segundo pesquisas australianas, o tripé básico para se chegar à qualidade de vida é manter uma atividade física, uma boa alimentação e um sono satisfatório. O estresse é um problema sério, pois ativa a vulnerabilidade genética, física e mental. Por isso, procuramos conhecer e utilizar as habilidades pessoais, desenvolver as forças de caráter da pessoa. Trabalhamos com alguns aspectos principais, como talentos pessoais; emoções positivas; engajamento, que significa atingir um estado que chamamos de flow, no qual a pessoa, praticamente, perde a noção de tempo e chega a uma sensação agradável, acionando um neurotransmissor chamado dopamina, responsável pelo bem-estar, que pode ser conseguido por meio da prática de um esporte, um trabalho do qual goste muito etc; outro aspecto é chamado de significado, que não se trata de religiosidade, mas aponta para a necessidade de a pessoa deixar um legado na vida; e as relações significativas, ou seja, interagir com pessoas que tenham a ver com ela, pois está provado que quem tem de dois a três amigos verdadeiros está bem longe de sofrer riscos cardíacos. Tudo isso ajuda a administrar o estresse.

Todos almejam ser felizes. A maioria das pessoas procura alguém para suprir as carências emocionais, com o objetivo de alcançar a tal felicidade. Como observa a questão, a felicidade é mais individual ou depende de um relacionamento estável?

Mônica - Essa questão é muito interessante e polêmica, também. Isto, de fato, acontece. Mas é fundamental ter claro que os parceiros não são responsáveis pelas carências emocionais do outro. É a pessoa quem os escolhe. No entanto, tem gente que deposita tudo na relação, foge da própria responsabilidade por achar que a sua felicidade pode ser encontrada no outro. Trabalhos recentes apontam, inclusive, que pais que têm filhos, perdem em felicidade nos primeiros dois anos de vida da criança, pois deslocam toda a energia para eles. Conforme os filhos crescem, os níveis de felicidade dos pais aumentam.

Boa parte das pessoas reclama que é impossível manter a chama acesa no relacionamento amoroso. Existe algum mecanismo psicológico que faz com que isso seja possível ou essa busca acaba precipitando o término da relação?

Mônica - Não acho impossível manter a chama acesa do relacionamento. No entanto, é imprescindível que o casal separe alguns momentos para os dois aproveitarem, para interagir e se manter sempre em contato direto. A expressão-chave para isso é variedade na relação. O cérebro do ser humano pede variedade. Portanto, é fundamental que o casal viaje junto, se relacione sexualmente em lugares inusitados, tente voltar aos tempos de namoro, promovendo atitudes como deixar bilhetinhos para o outro. Essas iniciativas, seguramente, vão ajudar no relacionamento. É inevitável que no período entre 6 meses e dois anos a relação esfrie, o que não significa que tenha acabado. Quem lançou um livro bem interessante sobre o tema - *Os Mitos da Felicidade* - foi a psicóloga russa, radicada nos Estados Unidos, Sonja Lyubomirsky, especialista em Psicologia Positiva. Ela aponta no livro algumas manobras para o casal se manter com a chama acesa.

O importante é que o homem se mantenha fiel à sua essência. Hoje, há casos de homens que se dedicam a cuidar da casa e dos filhos, enquanto a mulher assume o papel de provedora, trabalhando fora e trazendo dinheiro para casa. Se ele está feliz com isso, se é sua essência, sem problemas. Como o homem se comporta em relação à sua masculinidade, diante do mundo moderno? A mulher mudou bastante nas últimas décadas, mas e o homem?

Mônica - Em relação a esse tema, tenho de voltar à Psicologia tradicional, pois não costumamos estudar homem e mulher de forma separada na Psicologia Positiva. De qualquer forma, vou tentar adotar um viés da Psicologia Positiva. Ou seja, o homem que desenvolve seu autoconhecimento tem chances muito maiores de ser feliz, em qualquer circunstância.

Exemplos como os chamados metrosssexuais, que se preocupam em demasia com a aparência física, comprovam a tese de que o homem está mais feminino ou, especialmente entre os latinos, a figura do provedor ainda é a grande maioria?

Mônica - O importante é que o homem se mantenha fiel à sua essência. Hoje, há casos de homens que se dedicam a cuidar da casa e dos filhos, enquanto a mulher assume o papel de provedora, trabalhando fora e trazendo dinheiro para casa. Se ele está feliz com isso, é sua essência, sem problemas. E isto serve, também, para as mulheres. Há muitas que optam por não ter filhos, papel cultural historicamente destinado a elas pela sociedade. Caso não seja a vocação dela, tudo certo.

A sociedade não cobra muito essa mudança de atribuições?

Mônica - Sem dúvida. É preciso ter uma cabeça muito boa para superar as cobranças. E nesse aspecto, sem dúvida, a mulher avançou mais. Somente agora o homem está conseguindo atingir esse estágio. E, nessa hora, a Psicologia Positiva assume uma importância grande, pois oferece instrumentos de autoconhecimento para se chegar ao bem-estar e à qualidade de vida. É preciso coragem para assumir o papel de autor e ator da própria vida. Não é uma tarefa fácil.

Outro assunto no qual é especialista é a mentira. Você desenvolveu uma pesquisa, que chegou à conclusão de que os homens brasileiros mentem melhor do que as mulheres. O que significa mentir melhor e por que os homens aparecem na frente nesse quesito?

Mônica - Minhas pesquisas a respeito da mentira foram desenvolvidas antes de eu me dedicar à Psicologia Positiva. Mas posso afirmar que esse trabalho é cientificamente e significativamente comprovado. Mentir melhor é apresentar maior controle sobre as expressões faciais e emocionais, e os homens conseguem fazer isso de maneira mais eficaz, por fatores culturais. Eles foram criados para não chorar e exteriorizar emoções. A forma de criação, sem dúvida, se reflete nesse aspecto.

Existem técnicas para se descobrir que você está sendo vítima de uma mentira?

Mônica - Sim. Há várias técnicas de conhecimento do comportamento não verbal. Não é fácil entendê-las, mas quem consegue pode detectar uma mentira em 80% dos casos. Essa é uma questão que precisa de cuidado e demanda tempo e espaço para eu explicar.

Existem mentiras que são benéficas? Estas são aceitáveis ou, também, devem ser combatidas no nosso dia a dia?

Mônica - Você se refere às mentiras light. A verdade é que é uma grande hipocrisia alguém afirmar que não mente. A mentira é um fenômeno cultural, que serve, inclusive, para preservar as relações humanas. Estas não devem ser combatidas. Não estou fazendo apologia à mentira, mas este fato é uma realidade. O problema é quando as mentiras ganham dimensão e provocam consequências danosas.

Existe uma relação entre memória e mentira? Há casos em que duas pessoas viveram situações juntas, principalmente histórias antigas. uma tem em mente uma versão bem diferente da outra. e nem sempre uma delas está mentindo. A memória interfere ou, na cabeça do ser humano, a vivência é um conjunto do que foi vivido e do que foi "inventado", de forma inconsciente?

Mônica - Isto acontece, sim. Na verdade, quando ocorre é porque cada um tem uma interpretação de cada situação, que é bem diferente. Várias pessoas podem assistir à execução de um crime e cada uma contará de forma diversa, pois cada um se concentra em aspectos diferentes da mesma situação.

Outro assunto ao qual você se dedica é o estudo da relação dos avós com seus netos. Há casos, relativamente frequentes, de avós que se intrometem na educação dos netos, função que deve ser exclusiva dos pais. Como observa a questão?

Mônica - Com esse tema volto à Psicologia Positiva. O que deve ficar bem claro é que o papel dos avós não é educar e, sim, ficar com a parte boa da relação, pois eles estão mais aptos a observar os talentos das crianças e incentivar as habilidades dos netos. É uma relação sem medo e sem emoções negativas, ou seja, pode ser muito significativa na vida dos netos. Se os avós souberam trabalhar isso de forma eficiente, sem atropelar a relação, serão extremamente importantes na vida dos netos.

Sempre se falou que os avós devem "estragar" os netos, referindo-se à permissividade exagerada, uma característica da maioria dos avós. Podemos dizer que esse conceito está fora de moda?

Mônica - Os avós não devem "estragar" os netos, mas, sim, transmitir crenças positivas e ajudar no desenvolvimento da autoestima, justamente, porque têm isenção e só precisam desenvolver emoções positivas.

Atualmente, há certa confusão, no que se refere aos papéis que devem ser exercidos pelos avós, até mesmo porque, hoje, muitos praticamente criam as crianças. Como o fato pode prejudicar o comportamento psicológico da criança e até dos pais?

Mônica - Sim, hoje é comum ver muitos avós que criam os netos. No entanto, o que não pode acontecer é esses avós tratarem seus filhos da mesma forma que os netos. Dessa maneira, os pais se transformam em irmãos dos filhos, o que tira totalmente a autoridade dos pais. Há casos extremos em que os filhos batem nos pais.

A verdade é que é uma grande hipocrisia alguém afirmar que não mente. A mentira é um fenômeno cultural, que serve, inclusive, para preservar as relações humanas. Estas não devem ser combatidas. Não estou fazendo apologia à mentira, mas esse fato é uma realidade

Mais um tema alvo de suas análises é o sofrimento em função de traumas graves, que deixam feridas abertas. Como lidar com isso? As pessoas podem reagir de formas diferentes ao mesmo trauma? Em uma entrevista, você afirma que alguns podem desenvolver resiliência, enquanto outros se deprimem profundamente, tendo vivido a mesma situação. O que faz essa diferença?

Mônica - Existem três situações claras, que acontecem após uma pessoa sofrer um trauma grave, como ver a morte de perto, ser vítima de estupro ou algo semelhante. A pessoa tem chances de desenvolver o transtorno de estresse pós-traumático, que pode ser tratado com eficácia pela Terapia Cognitivo-Comportamental; pode voltar a ser a pessoa que era antes da ocorrência; ou pode crescer como ser humano, desenvolver resiliência e se tornar uma pessoa melhor depois do processo pós-traumático. A Psicologia Positiva age de forma eficaz nesses casos e ajuda a recuperar a pessoa, mas deve ser empregada o mais cedo possível.

Quem sofre mais com esses traumas, a criança, o adolescente ou o adulto? A intensidade do sofrimento depende da maturidade?

Mônica - A intensidade do sofrimento, derivado de algum trauma, não depende da maturidade da pessoa. Então, posso afirmar que as reações e os possíveis distúrbios emocionais causados por essas experiências são distribuídos igualmente, independentemente de idade, grau de maturidade e gênero.



Mais sexo pelo celular e menos ao vivo (JAIRO BOUER)

UM NOVO estudo divulgado na Austrália recentemente mostrou que, apesar do número elevado de adolescentes que mandam e recebem textos e imagens com conteúdo sexual explícito (ou sexting) pela internet, o início da vida sexual acontece mais tarde.

Um dos principais temores era que mandar e receber mensagens de conteúdo sexual fosse uma das formas de erotização precoce de crianças e jovens. Isso poderia antecipar o ingresso na vida sexual e aumentar a promiscuidade, numa idade em que eles não estão maduros o suficiente para lidar com sua sexualidade. Não foi isso que o estudo mostrou. A pesquisa, feita pelo Departamento Federal de Saúde, envolveu 2.100 jovens de 436 escolas australianas. Em sua quinta edição, a pesquisa mostra que, em 2013, os jovens de 15 a 17 anos retardaram o início da vida sexual e, em média, tiveram menos parceiros sexuais que na versão anterior do levantamento, de 2008.

Apesar de 70% dos estudantes do ensino médio já terem mandado mensagens de conteúdo erótico, de 84% já terem recebido esse tipo de mensagem e de mais da metade deles enviar imagens em que estavam nus ou seminus, a atividade sexual desacelerou. No 1º ano do ensino médio, 23% dos alunos já tinham feito sexo com penetração. No 3º ano, o número é de 50%. Em 2008, esses números eram 27% e 56%, respectivamente. Pela primeira vez, essa pesquisa avaliou o impacto da internet na vida sexual dos jovens. Um em cada cinco afirmou usar Facebook, Instagram ou Twitter com finalidades sexuais.

Os pesquisadores acreditam que o uso da internet como espaço de encontro e troca de mensagens com conteúdo sexual é um fenômeno esperado para essa geração. A tendência pode ser entendida até como uma nova modalidade de paquera. O trabalho mostra que talvez a internet seja hoje um espaço de ensaio e experimentação dos jovens. É na troca de mensagens, às vezes com conteúdo mais apimentado, e no uso de imagens mais provocativas que o jovem pode começar a aproximação com seus possíveis parceiros.

O importante é discutir com os jovens, em casa e na escola, sobre os riscos reais da aproximação por meio das redes sociais e sobre os perigos da exposição e do compartilhamento de imagens íntimas. A qualidade do trabalho de educação sexual na escola foi uma reclamação comum entre os jovens entrevistados. Sobra informação sobre biologia e sobre a “mecânica” do sexo. Faltam discussões sobre as emoções envolvidas. Será que tudo isso acontece só na Austrália? Acho que não.

JAIRO BOUER é Médico especialista em adolescência, comunicador e escreve para esta publicação sobre sexualidade na juventude. **Revista ÉPOCA, Maio de 2014.**

O delírio da cesariana (CRISTIANE SEGATTO)

Nos hospitais privados, 88% dos bebês nascem por cirurgia. As operações agendadas criam uma geração de quase prematuros. Essas e outras revelações do maior estudo sobre parto já realizado no Brasil

O BRASILEIRO nasce mal. Em uma frase, essa é a síntese da maior pesquisa sobre parto já realizada no país. A pesquisa Nascer no Brasil está sendo divulgada pela Fiocruz e pelo Ministério da Saúde numa coletiva de imprensa que começou agora no Rio de Janeiro. Esta coluna antecipa o resultado completo e analisa os dados.

Foram entrevistadas 23.894 mil mulheres atendidas em maternidades públicas, privadas ou conveniadas ao Sistema Único de Saúde (SUS). Os dados foram coletados entre fevereiro de 2011 e outubro de 2012 em 266 hospitais de 191 municípios. Todas as capitais foram incluídas, além de cidades do interior de todos os Estados. O elevado índice brasileiro de cesarianas não dá sinais de declínio. Todos os anos, quase um milhão de mulheres são submetidas a um parto cirúrgico, sem indicação médica adequada. A cesariana foi realizada em 52% dos nascimentos. Nos hospitais privados, 88% dos bebês nasceram dessa forma. A opção pela cirurgia foi alta (42%) até mesmo em adolescentes.

São números muito distantes da recomendação da Organização Mundial da Saúde (OMS). Segundo a entidade, partos cirúrgicos devem ocorrer entre 10% a 15% dos nascimentos. As cesarianas deveriam ser exceção. Um recurso importante, reservado aos casos em que há risco para a mãe ou para o bebê. “Não há justificativas clínicas para um percentual tão elevado no Brasil”, diz a epidemiologista Maria do Carmo Leal, coordenadora do estudo. “Essas cirurgias expõem as mulheres e os bebês a riscos desnecessários e aumentam os gastos com saúde”.

Quase 70% das entrevistadas desejava ter um parto vaginal no início da gravidez, mas poucas foram apoiadas nessa decisão no decorrer da gestação. Segundo a pesquisadora, a mudança não pode ser explicada pelo surgimento de problemas e complicações em todos os casos. Muitos obstetras preferem agendar cesarianas por uma questão de conveniência ou convicção. Não é raro encontrar, na classe média, mulheres que mudam de médico cinco vezes até conseguir fazer o acompanhamento da gestação com um profissional que valoriza o parto normal. Essa dificuldade levou ao fenômeno crescente das mães que optam por ter seus filhos em casa, com a ajuda de enfermeiras. Não é uma opção livre de riscos, assim como toda internação hospitalar.

“Os médicos têm responsabilidade no alto índice de cesarianas, mas não só eles”, diz Maria do Carmo. “Muitas mulheres acham que a cirurgia é um método seguro e confortável. Dá até para programar a data da festa”, afirma. “Elas precisam entender quais são os riscos dessa decisão”.

O medo do parto normal

Entre as mulheres que escolheram a cesariana desde o início, a principal razão apontada no estudo foi o medo da dor. “Isso ocorre porque o parto normal oferecido no Brasil ainda é muito ruim”, afirma Maria do Carmo. No Reino Unido, país reconhecido pelo incentivo ao parto vaginal, as mulheres ficam livres durante o trabalho de parto. São estimuladas a andar, podem subir e descer escadas quando se sentem confortáveis para fazer isso, recebem massagens, entram numa banheira. “No Brasil, colocam um cateter na veia com oxitocina (hormônio que acelera o nascimento) e deixam a pessoa deitada”, afirma a pesquisadora. “É um desrespeito ao corpo, aos sentimentos e à vontade da mulher”. Muitas pedem anestesia porque o parto dói. O SUS oferece esse recurso. O que falta é o anestesista...

Uma epidemia de quase prematuros

O agendamento das cirurgias antes do trabalho de parto, tão comum nos hospitais privados, leva a outro problema: a elevada proporção de bebês no limite da prematuridade. No estudo, 35% das crianças nasceram com 37 ou 38 semanas de gestação. Não são considerados prematuros segundo a OMS, mas poderiam ganhar mais peso e maturidade se tivessem a chance de chegar a 39 semanas ou mais de gestação

Trata-se de uma epidemia silenciosa. Em geral, esses bebês recebem alta sem nenhuma complicação grave aparente. Isso pode dar a falsa impressão de que nascer antes de 39 semanas não trará nenhum impacto negativo. No entanto, alguns estudos demonstram que essas crianças são mais frequentemente internadas em UTI's durante os primeiros dias de vida. Essa prática eleva o risco de complicações e morte. O desenvolvimento de um bebê guarda alguma semelhança com o de uma planta. Não há como saber em que exato momento ele estará maduro. Alguns ficam prontos com 37 ou 38 semanas. Outros com 40. Outros, só com 42. Há uma variação biológica individual.

Nas cesáreas agendadas, os bebês podem ser retirados do útero antes da hora certa. Na vida intrauterina, as últimas semanas são dedicadas ao trabalho de acabamento mais fino. É quanto a pele é preparada para se adaptar à pressão atmosférica. Os pulmões adquirem a capacidade de abrir. A tolerância ao barulho e à luz se desenvolve. “Retirar um bebê do útero antes da hora é uma violência. É como arrancar uma planta da terra. A fruta nunca vai ficar doce”, diz Maria do Carmo. Não se sabe se essa prática tão disseminada pode provocar danos futuros, mas alguns estudos sugerem que podem ocorrer perdas cognitivas e outras habilidades.

A proporção de nascimentos prematuros (antes de 37 semanas) encontrada no estudo Nascer no Brasil foi de 11,5%. É uma proporção 60% superior à verificada na Inglaterra e no País de Gales.

Outros dados importantes:

- Cerca de 30% das entrevistadas não desejaram a gestação. 9% ficaram insatisfeitas com a gravidez e 2,3% relataram ter tentado interrompê-la.
- 60% das gestantes começaram a fazer o acompanhamento pré-natal tardiamente, após a 12ª semana gestacional. Cerca de um quarto delas não recebeu o número mínimo de seis consultas recomendado pelo Ministério da Saúde.
- 41% das mulheres não sabiam em qual maternidade teriam o bebê. A Lei 11.634, de 2007, determina que toda gestante tem o direito de saber, durante o pré-natal, onde o filho nascerá.
- Quase um quinto das mulheres peregrinou por hospitais durante o trabalho de parto. Elas não conseguiram ser admitidas na primeira maternidade porque faltavam médicos, materiais e equipamentos.
- Práticas inadequadas continuam a ser aplicadas aos recém-nascidos saudáveis na sala de parto. A aspiração de vias aéreas superiores ocorreu em alto percentual. Variou de 62% no Nordeste a 77% no Sudeste.
- O índice de mortalidade materna é incompatível com o nível de desenvolvimento social e econômico do país. Em 2010, ocorreram 62 óbitos maternos para 100 mil nascidos vivos.
- A depressão foi detectada em 26% das mães entre 6 e 18 meses após o parto. Grupos nos quais a doença foi mais frequente: mulheres de baixa condição social e econômica; pardas e indígenas; mulheres sem companheiro; mães que não desejavam a gravidez ou já tinham três ou mais filhos.

Com esse diagnóstico detalhado, as discussões sobre a excessiva medicalização da vida no Brasil podem ocorrer sobre bases mais sólidas. Nascer é um ato biológico. Pelos mais diversos desvios, interesses e mudanças culturais, ele foi transformado em ato médico e em ato cirúrgico. “Alguns médicos dizem que somos hippies porque defendemos o parto normal, mas não estamos inventando nada nem perseguindo ninguém”, diz Maria do Carmo. A redução dos partos cirúrgicos é uma tendência nos países ricos. Até recentemente, o índice de cesáreas nos Estados Unidos era de 33%. Graças a uma recomendação do Colégio Americano de Obstetrícia, a taxa caiu para 26%.

O Brasil segue na contramão. Nosso índice assustador (88% nos hospitais privados !!!) é o exemplo mais evidente do mau uso de um importante recurso médico. Excesso de intervenções não significa bom acesso à medicina. Significa desperdício subdesenvolvido e delírio coletivo.

CRISTIANE SEGATTO é Repórter especial, faz parte da equipe de ÉPOCA desde o lançamento da revista, em 1998. Escreve sobre medicina há 17 anos e ganhou mais de 10 prêmios nacionais e internacionais de jornalismo. **Revista ÉPOCA, Maio de 2014.**

Entrevista com Zygmunt Bauman: "É muito difícil encontrar uma pessoa feliz entre os ricos" (JORNAL LA VANGUARDIA, ESPANHA)

"O face a face obriga a te confrontar com a diferença. Administrá-la com os sentimentos, elaborá-la. Um efeito colateral dessa dissociação é que se perdeu a vontade do trabalho 'bem feito' também nas relações. Perdemos a capacidade de nos relacionarmos com esmero." - **Zygmunt Bauman**

Em entrevista para o jornal espanhol *La Vanguardia* (17/05/2014), filósofo polonês Zygmunt Bauman fala sobre consumo, felicidade e relações humanas. A tradução é de André Langer para o IHU.



La Vanguardia: Gostaríamos de saber mais de você que de suas ideias, embora não sei se são indissociáveis. É muito ou pouco consumista?

Zygmunt Bauman: Não se pode escapar do consumo: faz parte do seu metabolismo! O problema não é consumir; é o desejo insaciável de continuar consumindo... Desde o paleolítico os humanos perseguem a felicidade... mas os desejos são infinitos. As relações humanas são sequestradas por essa mania de apropriar-se do máximo possível de coisas.

La Vanguardia: Nas manhãs de domingo as famílias britânicas não vão à missa, mas ao centro comercial. É esse o nosso novo templo?

Zygmunt Bauman: Sou muito cuidadoso na hora de comparar consumismo e religião. A religião é uma transgressão, te leva para além da tua vida. Na América, antes, a tradição era que se reunisse a família ao redor da mesa para comer e conversar. Nos últimos anos, apenas 20% das famílias fazem isso!

La Vanguardia: Rompeu-se essa ideia nuclear de família?

Zygmunt Bauman: Sim, era uma interação física. Agora, ao contrário, cada um pega a sua comida, senta-se na frente do computador e come. O ser humano de hoje passa sete horas e meia diante de algum tipo de tela. Se a interação com alguém na rede não te interessa, aperta um botão e adeus.

La Vanguardia: Nas relações humanas não é tão fácil desconectar.

Zygmunt Bauman: O face a face obriga a te confrontar com a diferença. Administrá-la com os sentimentos, elaborá-la. Um efeito colateral dessa dissociação é que se perdeu a vontade do trabalho "bem feito" também nas relações. Perdemos a capacidade de nos relacionarmos com esmero.

"A liberdade é mais uma ideia do que um exercício (...)"

La Vanguardia: Pertencemos à espécie do *homo eligens*, "o animal que escolhe", lembramos em *A riqueza beneficia a todos?* [nova obra de Bauman a ser publicada pela Zahar em 2015]. Se te mandam, escolhem por ti; se escolhes, renuncias. Com o que Bauman fica: mandar sobre tua vida – logo, escolher – ou obedecer?

Zygmunt Bauman: Escolhe se te deixam. A liberdade é mais uma ideia do que um exercício – que também – porque só sou livre na medida em que posso agir sobre a minha vida sem interferir nas liberdades alheias.

La Vanguardia: Qualquer coisa que alguém escolhe modifica o contexto.

Zygmunt Bauman: Porque redefine a liberdade de outros. O importante é ter a oportunidade de exercê-la. Neste momento, só há um grupo muito reduzido de homens livres e uma grande massa que fica fora do jogo.

La Vanguardia: As classes médias perdem terreno e parte delas estão se convertendo em proletariado, uma classe que você chamou de "preariado".

Zygmunt Bauman: Lamento não ter lido o último livro de Thomas Piketty [*Capital do século XXI*, a ser lançado pela Intrínseca no segundo semestre de 2014] antes de escrever o meu, porque cita coisas interessantes. Por exemplo, que os direitos humanos são algo que herdamos da Revolução Francesa. Nosso horizonte – que marca a distribuição da riqueza – deveria ser o bem comum. Os ricos agem com toda essa riqueza – a maioria a herdaram – com absoluta impunidade. Acreditam que eles nunca poderão falir.



"É muito difícil encontrar uma pessoa feliz entre os ricos."

La Vanguardia: As 85 pessoas mais ricas do mundo acumulam uma riqueza equivalente aos quatro bilhões de pessoas mais pobres. Qual é a pessoa pobre mais feliz que conheceu e a rica mais infeliz com que já se encontrou?

Zygmunt Bauman: Oh! É muito difícil encontrar uma pessoa feliz entre os ricos.

La Vanguardia: Bom, então comecemos pelos que não têm nada.

Zygmunt Bauman: Uma pessoa pobre que consegue tomar café da manhã, almoçar e, com sorte, jantar... é automaticamente feliz. Nesse dia conseguiu seu objetivo. O rico – cuja tendência obsessiva é enriquecer mais – costuma meter-se numa espiral de infelicidade enorme. A grande perversão do sistema dos ricos é que acabam sendo escravos. Nada os sacia, entram em colapso, uma catástrofe!

La Vanguardia: Diz que vivemos a “síndrome da impaciência”. Poderemos fugir do desastre com instrumentos como o movimento Slow?

Zygmunt Bauman: O problema não está no ritmo das coisas – embora o movimento *Slow* me parece muito interessante –, mas em que deveríamos mudar integralmente o nosso modelo de vida. No meu país, 50% dos alimentos acabam no lixo antes de retirá-los das embalagens! Estamos acabando com a sustentabilidade do planeta, somos uns predadores.

"(...) A vida não é um campeonato de futebol (...)"

La Vanguardia: Você participou da Segunda Guerra Mundial, combateu com o Exército polonês, trabalhou para os serviços de informação militares... Qual foi o pior momento da sua vida e como conseguiu recuperar-se?

Zygmunt Bauman: Ao final, a vida não é um campeonato de futebol, onde podes dizer “olha, aquele jogo foi o pior”. Mas lhe responderei com uma anedota que pode parecer evasiva, mas não é. Certa vez, o grande poeta Goethe – quando tinha quase a minha idade – foi entrevistado por Eckermann. “Diga-me, você teve uma vida feliz?”, perguntou-lhe. E Goethe respondeu: “Pois, olhe, sim, tive uma vida feliz. Pois bem, não me pergunte se tive uma só semana feliz”.

La Vanguardia: Então, a felicidade não é a soma de momentos de felicidade, como dizem alguns?

Zygmunt Bauman: Não, a felicidade é o gozo que dá ter superado os momentos de infelicidade. Ter conseguido transformar teus conflitos, porque, sem conflitos, as nossas vidas, a minha vida, teriam sido uma verdadeira chatice.
<http://fronteiras.com/canalfronteiras/entrevistas/?16%2C234>

Publicação do **Jornal LA VANGUARDIA, ESPANHA, Maio de 2014.**

O inimigo público número um? (MARCELO CAROTA)



Por defender causas que representam as minorias, o deputado federal Jean Wyllys é tratado pelos opositores como inimigo da moral

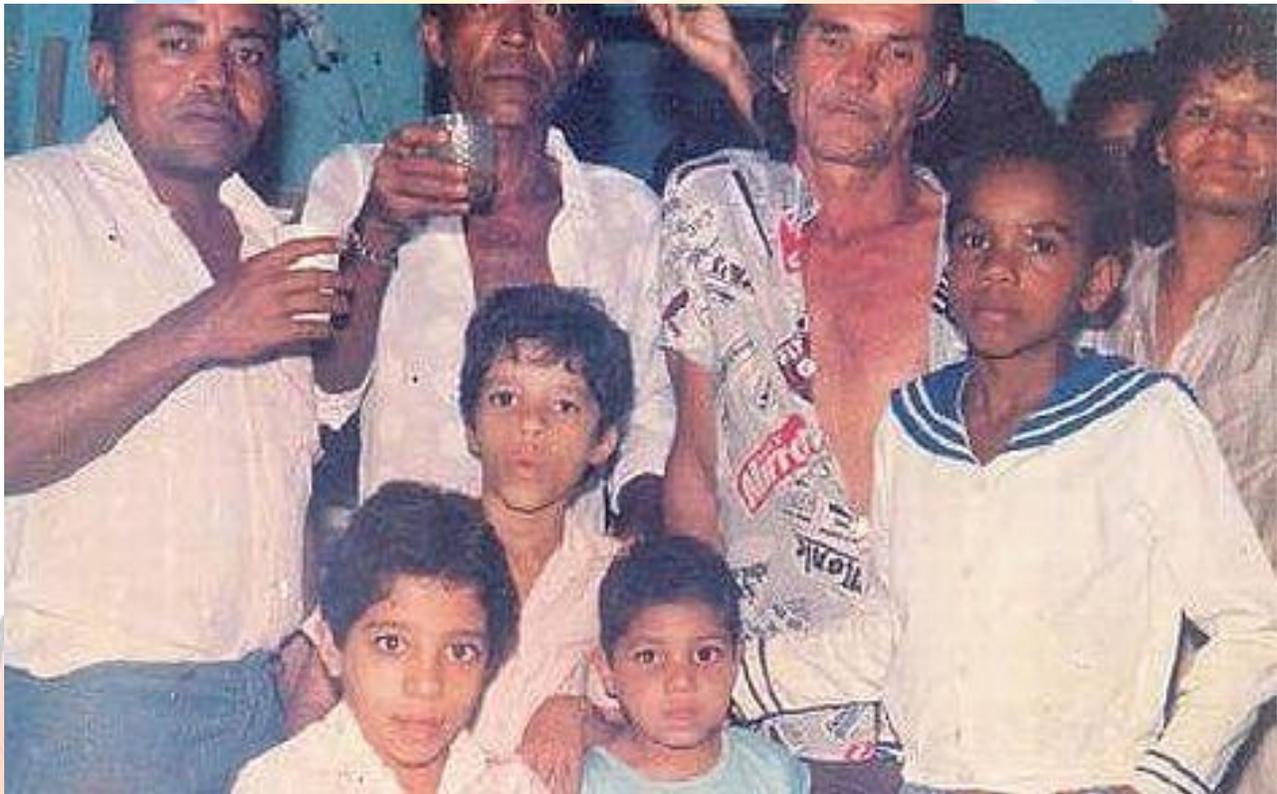
Dos dias como coroinha na Diocese de Alagoinhas ao primeiro contato com a Teologia da Libertação, a Igreja fez parte da educação informal de Jean Wyllys. Na foto, sua primeira comunhão na Comunidade Eclesial de Base da Baixa da Candeia, em Alagoinhas, interior da Bahia. À esquerda, Ana Portugal, sua primeira professora e, à direita, Lúcia, sua catequista

Jean Wyllys de Matos Santos nasceu em Alagoinhas, Bahia, em 10 de março de 1974. Estudou Jornalismo na Universidade Federal da Bahia e obteve o título de mestre em literatura e lingüística pela mesma universidade. Em 2005, ao vencer o *Big Brother Brasil*, da Rede Globo, ficou conhecido

nacionalmente. Eleito deputado federal pelo Rio de Janeiro, estado em que vive há dez anos e que tem “um jogo de espelhos” com a Bahia, recebeu por duas vezes o prêmio Congresso em Foco, nas categorias “Melhor deputado” e “Parlamentar do futuro”. Integra as Comissões dos Direitos Humanos, de Cultura e de Educação e a Frente Parlamentar Mista pela Cidadania LGBT. Também faz parte de um grupo ainda mais seleta, o dos parlamentares com 100% de presença em sessões deliberativas.

Defensor de causas consideradas polêmicas em alguns meios (como a liberação do uso da maconha) e atuando como representante das minorias mais marginalizadas (condição de quem vive à margem da sociedade e que, na impossibilidade de ser exterminado, é excluído) atrai inimizades, tentativas de desqualificação e, não raro, agressões. Chega a ser tratado como inimigo público número um da moral, da família e dos bons costumes. Sua reação, entretanto, desconcerta. Possivelmente pela formação recebida de padres ligados à Teologia da Libertação (hoje, diz que não tem religião, mas tem fé), trata com a mesma humanidade tanto os beneficiários de suas lutas quanto os mais intolerantes adversários, sejam eles homofóbicos irremediáveis ou fundamentalistas religiosos.

Para Jean Wyllys, que aprendeu nas dificuldades da infância a importância da educação – a curricular e a de modos –, a nobreza tem um sentido humano, não de casta, e deve ser destinada a todos. Por isso, segue em frente sem rancor, mas com firmeza, coragem e paixão, no seu enfrentamento da injustiça, à margem de muitos e poderosos interesses. Para defender-se da soma de todos os preconceitos acumulados na vida, a Bahia lhe deu régua e compasso. Quando as dores parecem insuportáveis, há sempre o amparo da mãe, Dona Inalva, que vive em Alagoinhas com outros três filhos e muitos parentes. Se tudo isso é pouco, ainda tem a proteção de São Jorge. Queixa mesmo, só da falta de tempo para a vida afetiva, amorosa: “Estou solteiro há muito tempo.” *Tempo bom, tempo ruim*, seu quarto livro, sai em maio pela Companhia das Letras – selo Paralela, com tiragem inicial de 10 mil exemplares e prefácio de Ivana Bentes.



A entrevista a seguir foi concedida ao jornalista Marcelo Carota no gabinete do deputado em Brasília.

CULT – Fale sobre a criança e o adolescente Jean Wyllys em Alagoinhas, e o quanto desse período determinou as posturas do Jean Wyllys adulto, professor e deputado.

Jean Wyllys – Eu morava na periferia rural. Minha mãe lavava de ganho, e meu pai, falecido em 2001, era mecânico. Fui coroinha na Diocese de Alagoinhas, comandada por padres adeptos da Teologia da Libertação, que implantaram as comunidades eclesiais de base, numa das quais funcionava uma creche onde estudei. Daí até eu a me aproximar do Movimento Pastoral foi decorrência natural. A Igreja me deu uma educação informal e acesso à leitura. Na casa paroquial eu usava muito a biblioteca, e isso foi me politizando, me dando noção das injustiças no mundo, e de que elas precisavam ser corrigidas. Antes de conhecer o marxismo, os princípios do comunismo me foram dados pelo cristianismo. Vou citar o trecho de um canto que interpretávamos na Igreja: “Os cristãos tinham tudo em comum/ dividiam seus bens com alegria/ Deus espera que o dom de cada um/ se reparta com amor no dia a dia”. Isso determinou a minha vida e me fez querer muito

cedo trabalhar com a palavra. Com 12 anos, decidi que queria ser jornalista, e isso determinou um ativismo precoce ao mesmo tempo que fez com que eu me afastasse da Igreja.

Por que se afastar da Igreja?

Eu a via agir, por meio das pastorais, para combater as injustiças contra os camponeses e lutar em favor das crianças. Via também o engajamento e os esforços da Igreja, por meio da Pastoral do Negro, na reparação do racismo, numa espécie de *mea culpa* em relação à escravidão, mas não via nenhuma citação em relação à homossexualidade, e embora minha orientação sexual não fosse percebida com exatidão em minha infância e adolescência, eu sabia que era diferente e que rasurava os papéis de gênero que a sociedade define, e via que, assim como eu, havia muitos outros na Igreja. Na adolescência, quando o desejo começou a aflorar e percebi melhor minha orientação sexual, questionei o bispo do porquê de a Igreja não incluir os homossexuais em suas lutas, e ele falou que era hora de eu deixar aquela instituição, porque eu estava perdendo a fé – argumento que me fez entender que era hora mesmo de sair. Coincidu de eu ser aprovado no vestibular da Fundação José Carvalho, um internato laico, voltado unicamente a alunos com altas habilidades, pobres, egressos de escolas públicas.

Nessa época, de alguma maneira, você teve a compreensão de que era por ali, pela educação, que poderia superar dificuldades e preconceitos e se afirmar socialmente?

Sempre tive essa compreensão, sempre soube que não haveria para mim outro caminho para escapar da pobreza que não fosse pelos estudos. Minha mãe também me dizia isso, mas a necessidade a levava, às vezes, a ter uma postura ambígua, dizendo que estudar era coisa para gente rica, que pobre tinha que trabalhar. Chegou um momento em que a pobreza fez com que ela me pedisse para abandonar os estudos para trabalhar como cobrador de ônibus, mas eu me neguei, dizendo que dividiria meu tempo entre trabalho e escola. O colégio da Fundação José Carvalho me valeu muito, porque tinha um método revolucionário, sem professor em sala de aula, mas com orientações muito pontuais para as mais variadas matérias. Eu já vinha politizado, pelo envolvimento e militância com as pastorais, então, ainda antes da seleção final, quis debater as questões sobre a homossexualidade que não pude discutir na Igreja, mas agora, pelo viés político, social – até porque eu ainda não tinha vivido nenhuma experiência homossexual. Alguns colegas chegaram a me dizer que eu não seria selecionado por ter me posicionado daquela forma, mas soube depois que foi também por isso que fui escolhido entre os 25 alunos finais. Apesar dos esforços enormes dos professores para desconstruí-los, isso não impediu que houvesse preconceitos para com a minha orientação sexual, considerando as questões culturais inerentes à formação de alunos oriundos da pobreza, imunes a preconceitos de classe, mas não de sexualidade. Mas eu soube lidar com isso, o que me estimulou ainda mais ao jornalismo, embora na Fundação eles oferecessem apenas os cursos de Tradutor Intérprete, Análise de Sistemas e Técnico em Mineração. Optei por Análise de Sistemas, porque programadores ainda eram raros, e o salário, por consequência, excelente: a gente saía da Fundação já com emprego certo. Quando fui a Salvador pude enfim estudar jornalismo e ampliar meu ativismo, embora eu nunca tenha integrado organicamente o GGB – Grupo Gay da Bahia, mas sempre estive próximo a ele por meio de Jocevaldo, também jornalista, também ex-aluno da Fundação e também de Alagoinhas. No terceiro semestre do curso de jornalismo, abandonei o trabalho e o bom salário de programador para ser estagiário no jornal *Tribuna da Bahia*, ganhando mal, mas sendo feliz, e assim começou minha carreira. Depois, falida a *Tribuna*, fui trabalhar no *Correio da Bahia*.

De jornalista e professor você foi concorrer a uma vaga no *Big Brother Brasil*. Como foi isso?

Eu me formei na UFBA, onde também fiz meu mestrado e comecei a lecionar. Depois lecionei na UNIJORGE, onde eu e colegas criamos o Núcleo de Mídia e Cidadania, com um trabalho bem amplo, que incluía a formação das populações mais pobres em técnicas de audiovisual e produção de roteiro, para que, discutida a forma como a mídia reportava a pobreza, elas fizessem a abordagem com toda a legitimidade – o que ninguém pode fazer melhor do que elas mesmas. Foi no auge desse projeto, e em paralelo com a pós-graduação em Jornalismo e Direitos Humanos, que eu decidi fazer o vídeo para concorrer a uma vaga no *Big Brother Brasil*, porque eu queria mudar meu objeto de estudos: eu tinha estudado a narrativa de presidiários em meu mestrado e o programa era um sucesso. Além disso, eu não tenho qualquer preconceito contra as culturas de massa, não acredito que o consumo cultural dos pobres é ruim e penso que eles são capazes de extrair sentidos dessa cultura.

Sua participação no programa evidenciou a forma típica de preconceito no Brasil, com comentários do tipo “olha, embora gay, ele é inteligente”?

Sim, teve muito disso, mas eu acho que, em verdade, uma parte das pessoas, por me conhecer, se chocou mais com a minha presença lá, pela minha história de vida, pelo fato de eu ser um professor acadêmico, um escritor então recém-premiado (*Aflitos*, Prêmio Copene de Literatura da Fundação Casa de Jorge Amado, em 2001), e para o grande público eu não podia, ou não adiantaria – como não adianta até hoje para muitos – dizer que meu objetivo era acadêmico. Além disso, claro, havia a aventura de participar – e, afinal, por que não?

Questões materiais à parte, você avalia que a experiência lhe trouxe mais benefícios ou prejuízos? Neste último caso, houve algo no sentido de tentativas de desqualificação de sua carreira política?

Sim, houve e há essas tentativas de desqualificação, e eu tenho de lidar com isso, mas elas não se sustentam por muito tempo, porque, na maioria das vezes, são derivadas de um elitismo cafona, sem embasamento intelectual e cultural correspondente ao que imaginam ter seus portadores. Assim, o balanço que faço sobre minha participação no programa é de que eu faria tudo de novo (risos). Houve um crescimento pessoal derivado dela, um enriquecimento das questões que me propus pesquisar e experimentar para meus estudos e conheci algumas boas pessoas ali. Repito: eu faria tudo de novo.



Jean Wyllys em ensaio fotográfico (Foto: Diego Bresani)

Você faz terapia?

Não, nunca fiz. Eu seguro muito a minha onda com a minha religiosidade. Não tenho religião, mas tenho fé, não sou um ateu, embora use muitos argumentos dos ateus para enfrentar o fanatismo religioso. Eu respeito muito os ateus, por demonstrarem preocupações, respeito e cuidados para com o próximo sem esperar qualquer tipo de recompensa depois dessa vida. Mas não consigo ser ateu – até pela minha formação. Deus entrou em minha vida muito cedo, e de forma muito forte, é uma marca. Além disso, tem o fato de que a gente é tão “cultura” e tão pouco natureza... E é aí que entra a força da linguagem. Lacan dizia que “somos banhados pela linguagem desde o ventre” e eu acredito nisso, e algo em mim diz que há os mistérios, o que me fascina. Também seguro minha onda com muita leitura, inclusive psicanalítica.

Quais são as suas inspirações de luta e resistência?

Eu penso muito em Harvey Milk, claro, penso também em Oscar Wilde, um homem incriminado a partir de sua própria literatura, e, sem qualquer tipo de tentativa de me igualar a ele, mas não desprezando os fatos, se você pegar os autos da condenação dele, além de matérias produzidas por certo tipo de imprensa da época, verá que há traços equivalentes em ataques e ofensas que algumas camadas sociais e instituições me destinam, seja em campanhas difamatórias anônimas, seja nas redes sociais. O José Saramago, por colocar a sua literatura em favor da política naquilo que esta tem de melhor, também é fonte de inspiração. Hannah Arendt, pela sua obra e também por suas contradições, como a de equilibrar suas convicções no pluralismo com a sua paixão por [Martin] Heidegger! E penso e me inspiro muito em Nelson Mandela, um homem para quem vinte anos de prisão não tiraram a vontade de colaborar para transformar o mundo e as pessoas; a maioria de nós não tem a menor noção do que é viver numa prisão – o pouquíssimo que sei é fruto do meu mestrado, que, como já disse, compreendeu o estudo da narrativa de presidiários, mas nunca vivi a coisa – e a maioria de nós,

principalmente, nem sequer imagina o que é necessário para, como ele, sair da prisão sem qualquer anseio de vingança, determinado exclusivamente a mudar as coisas para melhor. E mudou.

Você tem demonstrado interesse pela adoção da regulamentação nas mais diversas esferas. Isso inclui a regulamentação da mídia?

Sou totalmente favorável à regulamentação dos meios de comunicação, e não como instrumento de censura, mas em exclusivo favor da democratização do acesso à informação e produção de comunicação, porque não é saudável à democracia do país que sete famílias monopolizem a informação. Isso limita a produção de imaginários, de mentalidades, e num país com índices ainda insatisfatórios para a educação, com tantos analfabetos e semianalfabetos, é pelos meios de comunicação que essas pessoas formam conceitos, opiniões. E sou favorável a uma regulamentação que também impeça que políticos sejam concessionários de emissoras de rádio e TV, assim como religiosos, ou, nesse caso, que se confira às demais religiões as mesmas oportunidades que há muito tempo levam à predominância das igrejas católica e evangélica. É preciso uma polifonia, correspondendo à pluralidade religiosa do país. Defendo uma regulamentação que fortaleça a produção e a difusão regional, dando a muitos artistas a oportunidade de mostrar a diversidade da produção cultural brasileira, algo que nem mesmo em seus estados é possível, já que as retransmissoras ocupam 90% da programação local com o uniformizado conteúdo das matrizes, fora o espaço para publicidade. Nem toda a população tem acesso à internet, apesar do crescimento de usuários, que ainda assim é pequeno, considerando-se o total da população. E é ainda menor o acesso à banda larga de qualidade, e isso apenas no acesso ao conteúdo, porque na produção de conteúdo, aí é quase inexistente. O pouco que se tem é restrito às redes sociais, as quais também já sofreram uma tentativa de tomada – a gente precisou criar um Marco Civil para evitar isso, garantindo a democratização desse meio.



Você teve participação ativa na histórica aprovação do Marco Civil da Internet na Câmara. Qual a importância dessa questão?

O Marco Civil é necessário, e é necessário, sobretudo, manter a rede neutra.

Como recuperar o diálogo ou mesmo construir uma nova forma de relação entre o poder político e a sociedade civil?

Eu acredito que uma nova forma de relação já está sendo construída, quer pelas manifestações, pelas petições públicas virtuais, pelas mobilizações nas redes sociais, as *hashtags* suspensas. Tudo isso já compreende uma nova forma de expressão e de relação. O sistema político brasileiro, desde a redemocratização, se blindou para muitas formas de manifestações populares. Contudo, é inevitável apontar, dentre os benefícios da Era Lula, uma maior ascensão social, sobretudo das camadas mais pobres, com maior poder de consumo, o que compreendeu o poder de uso de ferramentas para acesso à internet. Tudo isso permitiu mais e maiores manifestações batendo no casco dessa blindagem, e o auge disso foram as manifestações de junho de 2013. São poucos

os que estão abertos para diálogo, e eu posso dizer que sou um destes, porque estou em permanente contato com a sociedade, o que muitas vezes até prefiro a fazer política aqui dentro, quando não há muita saída, com alguns caras que estão aqui pra defender privilégios mesmo – tome a bancada evangélica como exemplo.

Qual é o exemplo da bancada evangélica?

Obscurantista, ignorando completa e solenemente os comprovados avanços da ciência moderna, vivendo como se fosse uma tribo de três mil anos atrás, com os valores correspondentes, e por mais que você traga argumentos científicos, a cegueira, quando não cinismo – porque alguns são cínicos mesmo, manipulando a fé alheia – do fundamentalismo impede o diálogo, então prefiro mesmo dialogar com a sociedade e até ajudá-la em mobilizações para quebrar essa blindagem. Por

outro lado, eu espero que a esse progresso econômico corresponda um progresso espiritual da população, no sentido de consciência de que não basta conquistar automóveis, mas transporte público, e não apenas por questões de mobilidade urbana, mas também por razões ambientais elementares, e pelo quanto isso interfere na saúde mental e física da sociedade. O consumismo tem que ser substituído pelo consumo responsável, porque a grande maioria ainda não consegue ver isso como cidadania. Essa percepção passa pela educação, que ainda é frágil, como se vê nisso de arrancar bandeiras de quem milita, de expulsar as pessoas de manifestações. Como podem, num exercício de direitos democráticos, intimidar a expressão dos direitos igualmente democráticos dos demais? Desculpe aí, "gigante", mas, enquanto você dormia, havia uma série de pessoas acordadas e ativas, algumas sendo torturadas e mortas, todas ligadas a células políticas, lutando para conquistar ou salvaguardar direitos que você está usufruindo agora, então não venha afirmar uma arrogância típica de alguns adolescentes sobre a experiência dos mais velhos, desprezando os saberes de tanta gente digna. Entenda: só numa democracia todas as pessoas podem se expressar livremente, inclusive os fascistas que estão saindo do armário, mesmo que estes ameacem a própria democracia! E aí entra uma questão de limite sim para a liberdade de expressão, e esse limite está justamente em tudo que possa ameaçar a plenitude da democracia. Eis um caso de intolerância que a gente tem que ter: contra a intolerância, porque ela se ramifica, envolvendo os casos de homofobia, de racismo, nos apelos por redução de maioridade penal, no estímulo ao justicamento.

Você já disse temer que o Brasil se torne uma república teocrática. Como efetivar a laicidade do Estado?

A laicidade, no Brasil, sempre esteve por um fio, mas estamos lutando para ampliar a compreensão do que é um Estado laico, o que é fundamental inclusive para garantir a liberdade de crença, porque um Estado não laico pode acabar por perseguir determinadas religiões. O problema entre nós é que alguns representantes das religiões cristãs, católica e evangélicas – especialmente as neopentecostais – vivem se movimentando para influenciar e mesmo determinar as políticas públicas, e isso é inadmissível. Veja: estamos numa democracia, então é muito importante que, na formulação de políticas públicas, sejam observadas as questões religiosas, mas algumas religiões, insisto, querem determinar os rumos dessas políticas para seus interesses, e a maneira encontrada para isso foi justamente ocupando as casas legislativas, as câmaras municipais, estaduais e a Federal, e isso ganhou força e adesão em virtude dos débitos históricos do Estado para com os direitos fundamentais das pessoas: saúde, moradia, transporte e demais esferas em que, dada a ausência do Estado, esses embriões de Estado se consolidaram. Essa foi a estratégia, e deu muito certo. Eles se fortaleceram política e economicamente, já que igrejas não são tributadas, tampouco fiscalizadas, por mais que alguns órgãos do governo digam que são. Inclusive, os recursos podem ser distribuídos em outros investimentos, como em postos de gasolina, ou na televisão, onde são empregadas apenas pessoas convertidas, que veem nisso milagres divinos, sentindo-se em débito permanente com os intermediários dessa relação, entregando-lhes seus corações e mentes. Isso é perigoso, pois pode resultar em perseguições àquilo e àqueles que, de alguma forma, representam ameaça a interesses, como já se dá regularmente contra religiões de matrizes africanas, e o pior: sem que o Estado tome providências contra isso. No Rio de Janeiro, há comunidades em que o tráfico se associou a alguns representantes de religiões neopentecostais, e uma das coisas que fizeram foi expulsar as pessoas de terreiros dessas comunidades. Ora, esses terreiros foram as matrizes dessas comunidades, social e culturalmente – ou o samba nasceu onde? É nesse sentido que temo o surgimento de um estado teocrático. Esses caras se infiltraram na estrutura pública, nas quais se comportam não de maneira reflexiva, mas de forma fundamentalista, o que leva ao autoritarismo. Mas eu destaco um fato: não tenho absolutamente nada contra as religiões cristãs. Meus problemas são com alguns fundamentalistas, manipuladores da boa fé alheia. Pouca gente sabe, mas o fato é que, felizmente, eu tenho aliados entre as comunidades cristãs, com pastores e padres em lutas que também estou.

Por sua atuação nessas questões, você já acumulou muitos adversários. Como é conviver com isso? Você teme por sua integridade física?

Não é fácil conviver com isso, que tem implicações na minha subjetividade. Eu faço denúncias à polícia, em casos de ameaça, e tomo certos cuidados. Mas não vou viver com medo, não posso paralisar minha vida em função disso. Eu vou citar novamente o caso de Oscar Wilde, que, além de sofrer toda forma de difamação, foi levado à injunção do silêncio, porque suas ideias ameaçavam o *status quo*, que é um estado de exclusivos privilégios para poucos e de muitas subalternidades para muitos. Quando algumas pessoas não têm mais argumentação contra o que entendem ameaçar seus privilégios, elas partem para essas tentativas de silenciar quem lhes incomoda. Guardadas as devidas proporções, é o que se dá agora, comigo, e não só por ameaças à minha integridade física. Uma das formas mais comuns é a de me acusarem de só tratar dessa ou daquela pauta. Outra, a de tentar induzir uma parcela da sociedade a acreditar que houve um tempo em que a relação das pessoas com as questões da homossexualidade estava pacificada, aí "vem agora essa bicha deflagrar uma guerra", a mesma estratégia usada para invisibilizar ou desqualificar as reivindicações dos negros, que, nesta perspectiva, não deveriam reclamar direitos específicos, sob o risco de incentivarem uma guerra racial no país entre negros e brancos que estavam em harmonia. Isso tudo é muito incômodo para quem sempre esteve por cima de oprimidos, que, em reação, difunde coisas como "desejo de estabelecer uma ditadura gay", que combate as cotas raciais, etc. Eu não vou me calar, eu não vou parar de defender o que acredito.

Como ficou a Comissão de Direitos Humanos e Minorias da Câmara após a presidência do deputado e pastor Marco Feliciano (PSC-SP)?

Ela voltou a ser uma comissão de efetiva promoção dos Direitos Humanos, em especial das minorias, porque durante a gestão desse senhor ela funcionou como espaço de proselitismo cristão e de restrição dos direitos da comunidade LGBT. Hoje, nós, progressistas, temos maioria, os fundamentalistas continuam lá, mas quando o Assis do Couto (PT-PR) e o Nilmário Miranda (PT-MG) entraram na presidência e vice-presidência, eles renovaram os quadros da comissão, mantendo aqueles que têm uma relação de comprometimento histórico com as questões dos Direitos Humanos. Isso tudo devolveu à comissão o seu mérito.



Regulamentar a produção, industrialização e comercialização da maconha e derivados de cannabis é o seu mais recente projeto, o qual exigirá pactuação entre os Poderes e trará pontos passíveis de polêmica. Como enfrentar esses desafios?

Com conhecimento e muita informação. É sentar no gabinete com cada deputado e explicar ponto a ponto do projeto, e levar a discussão para a sociedade. Informação é a minha única "arma". Eu estou convencido de que precisamos dar outra resposta ao consumo de drogas, a começar pela legalização da maconha, colocando-a entre as drogas lícitas. O projeto prevê a criação de um Conselho, com a participação do governo e da sociedade civil, para definir e publicar anualmente uma relação de drogas lícitas e ilícitas, o que já é feito pelo governo, efetivando o controle sobre o que está legalizado. A ideia de começar pela maconha se baseia nos relatórios da ONU, segundo a qual 80% dos usuários de drogas ilícitas no mundo são usuários de maconha. Os custos com o combate às drogas são muito grandes, e pior: não está funcionando, tal como tem sido feito.

Você já experimentou drogas?

Já experimentei maconha, outras drogas, não. E faço consumo recreativo e responsável de álcool, e só, não tenho interesse por outras drogas, nem por tabaco, do qual não gosto nem do cheiro.

O que você destaca na sua vida pessoal?

Não existe uma fronteira entre o meu trabalho e a minha vida pessoal, privada, tá tudo muito misturado, e é dessa maneira que as pessoas trabalham e convivem comigo. Eu vou muito ao cinema aos domingos. Ler, eu leio muito, mas a maioria é literatura técnica, para subsidiar meu trabalho, mas, em meio a isso, li um romance do qual gostei muito, *Liberdade*, de Jonathan Franzen. Me sobra muito pouco tempo pra vida afetiva, amorosa, então faz muito que estou solteiro. Não é fácil, quer pela questão do pouco tempo que posso dedicar a uma relação, quer por tudo o que conversamos ao longo desta entrevista, que inclui envolver a pessoa nas minhas questões e suas consequências, assim como a visibilidade que a pessoa terá por extensão, e nem todo mundo está apto a isso. Não quer dizer que eu não queira, porque eu quero um namorado, mas não é fácil. Mas, tudo bem, isso é um dos frutos de minhas escolhas. De música, eu gosto muito de música brasileira, e não faço distinção de gêneros.

Você vai lançar seu quarto livro. Fale um pouco sobre ele.

Meu livro é pela Paralela, selo editorial da Companhia das Letras. Eu tinha um contrato com a Editora Globo, que, em 2009, não quis apostar num livro com minhas crônicas mais engajadas, então, liberou-me. Recebi convites de outras editoras, mas o escritor Bruno Zeni me apresentou à Companhia das Letras (às editoras Thais Phal e Rita Mattar, que me levaram ao Matinas Suzuki) e daí nasceu a ideia de publicar um livro para essa nova geração de leitores que emerge das redes sociais digitais. Nasceu então, *Tempo bom, tempo ruim*. Ele foi feito tendo em mente uma frase do escritor Jonathan Franzen: "o que um escritor faz é dividir suas experiências na esperança de que elas tenham alguma ressonância nos leitores". O título do livro, extraído de uma canção de Caetano Veloso, sintetiza bem o que é a vida de todos nós: são tempos bons, pela emergência de novos atores sociais, ruins pelo retrocesso em relação às liberdades individuais.

Quais são suas principais referências?

Minhas primeiras referências políticas vieram da Igreja católica, do movimento pastoral. Por meio dos padres adeptos da Teologia da Libertação, conheci a revolução socialista de Cuba e seus ícones Fidel e Che Guevara. Conheci também o movimento na Nicarágua, e a obra de Eduardo Galeano, a história de Nelson Mandela e de Martin Luther King. Veio também daí a simpatia ao PT e a Lula, que também se tornou uma referência política. Apesar de todo o desgaste que sofreu a figura pública de Lula com a história do "mensalão" e de vê-lo hoje de maneira muito mais crítica, ele ainda é uma referência. No movimento gay, já universitário, conheci a história de Harvey Milk. Como a Igreja, mesmo sua ala mais à esquerda, sempre foi homofóbica, ela não me deu referências políticas homossexuais. Estas vieram da música: Cazuzza, Renato Russo, Ângela Rô Rô e Ney Matogrosso, além do simpatizante Caetano Veloso. E sobretudo da literatura: Marcel Proust, Manuel Puig, João Silvério Trevisan e Caio Fernando Abreu.

Dilma merece seu voto?

A Dilma teve meu voto na última eleição, no segundo turno. Não só o voto: fiz campanha para ela no segundo turno, mesmo contrariando meu partido. Mas Dilma me decepcionou. Fez um governo à direita dos governos Lula. Acovardou-se na hora de tocar políticas de Direitos Humanos de minorias, como indígenas, mulheres e LGBTs. Fez cortes nos recursos destinados a políticas sociais em nome do superávit primário. Nas próximas eleições, fica difícil votar nela num segundo turno. Aliás, num eventual segundo turno, eu votarei naquele candidato menos comprometido com a direita fascista, com evangélicos e católicos fundamentalistas e mais comprometido com a honestidade intelectual.

Seus planos futuros...

Eu não me imagino fora da política, mas isso não quer dizer que não me imagino fora do Parlamento ou da estrutura do poder público. Na política, eu sempre estarei; da política, eu sempre farei parte. Mas me refiro à política em seu sentido amplo. Não quero fazer planos para o futuro. O que tem que ser tem força.

MARCELO CAROTA é Jornalista e escreve para esta publicação. **Revista CULT, Maio de 2014.**